

SOUZA, Tatiana Sampaio de. “A casa que me faz ser quem sou: o contexto familiar de jovens participantes de uma política pública brasileira”. *RBSSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 34, pp. 157-189, abril de 2013. ISSN: 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

A casa que me faz ser quem sou O contexto familiar de jovens participantes de uma política pública brasileira

Tatiana Sampaio de Souza

Recebido em: 29.01.2013

Aprovado em: 15.02.2013

Resumo: O presente artigo realiza uma abordagem sobre o contexto familiar dos usuários do Projeto de Proteção à Jovens em Território Vulnerável – PROTEJO, ação integrante do Programa Nacional de Segurança Pública com cidadania. Como referencial teórico foi utilizada a teoria dos quatro vínculos desenvolvida por David Zimerman e a teoria do reconhecimento elaborada por Axel Honneth. A metodologia empregada foi a realização de entrevistas através de um roteiro semiestruturado. Em conclusão verificou-se que o contexto familiar dos jovens tidos como em situação de risco social atendidos pelo PROTEJO não difere em grande medida do contexto da maioria das famílias brasileiras, sendo que a projeção de vínculos e esferas de reconhecimento no seio familiar se revela como de fundamental importância para o relacionamento externo dos jovens. **Palavras Chave:** família, juventude, vínculos, reconhecimento

Introdução

O presente artigo foi elaborado a partir de pesquisa de dissertação de mestrado defendida em 2012. A pesquisa empírica ocorreu no período de abril de 2011 a março de 2012, no Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável – PROTEJO, implantado no território de paz do bairro Santo Afonso, localizado na cidade de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul.

O público alvo do Projeto de Proteção de Jovens em Território Vulnerável – PROTEJO são jovens em situação de risco social, na faixa etária de 15 a 24 anos, e seu objetivo principal é a promoção da proteção dos jovens através de ações pedagógicas. Este projeto está inserido dentro do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI, que é um programa de articulação entre políticas sociais e políticas de segurança que segundo o Ministério da Justiça, prioriza a prevenção, incluindo ações de ordenamento social e segurança pública, tendo como público alvo a mesma população atendida pelo PROTEJO, além de profissionais da segurança pública, presos ou egressos do sistema prisional, e reservistas (Ministério da Justiça, 2008).

O objetivo principal deste artigo é a realização de uma abordagem quanto o desdobramento de vínculos e esferas de reconhecimento no contexto familiar dos jovens participantes do PROTEJO, que reflete

diretamente em seu comportamento em sociedade.

O texto está estruturado em cinco subitens. O primeiro contém a introdução, com a apresentação do tema; o segundo apresenta o referencial teórico empregado na análise proposta; o terceiro apresenta a metodologia utilizada para a realização da pesquisa; o quarto apresenta a análise da projeção de vínculos e esferas de reconhecimento no contexto familiar dos jovens; e o quinto apresenta as considerações finais chegadas ao término deste artigo.

É importante salientar que não se pretende esgotar o tema, e que os resultados ora apresentados são parciais, sendo que a finalidade principal deste artigo consiste na ampliação do espaço de problematização e discussão sobre os aspectos subjetivos presentes na vida dos jovens usuários das políticas públicas brasileiras.

A teoria do reconhecimento de Axel Honneth e a investigação dos quatro vínculos de David Zimmerman

A investigação da trajetória de vida dos jovens atendidos por programas de políticas públicas como o PROTEJO nos diz muito quando estamos interessados nas causas e motivos de evasão. Além das causas “visíveis” e

já conhecidas por todos, tais como as dificuldades socioeconômicas, a vulnerabilidade social, a violência intra e extrafamiliar, e principalmente a glamourização do tráfico de drogas, constantemente presentes na vida de grande parte dos adolescentes, e responsáveis na maior parte das vezes pelo próprio ingresso destes na criminalidade, existem outros fatores que nem sempre recebem a devida atenção dos programas destinados aos jovens em situação de vulnerabilidade e risco social, que estão ligados a aspectos psicossociais, relacionados à revoltas, à depressão, à baixa autoestima, e a própria carência de amor por parte de muitos.

O relacionamento familiar do jovem é de suma importância para a compreensão destes aspectos, muitas vezes não tão facilmente identificáveis como os demais, mas que se analisados revelam respostas significativas para questionamentos que se referem ao comportamento destes jovens em sociedade.

Axel Honneth, em sua teoria do reconhecimento, afirma que existem padrões de reconhecimento subjetivos que influenciam diretamente na vida das pessoas. As três esferas de reconhecimento com as quais o autor trabalha são o Amor, o Direito e a Solidariedade. No Amor, os princípios de reconhecimento seriam as necessidades e os sentimentos, no Direito a igualdade legal, e na Solidariedade, as contribuições formais. Já a auto relação prática destes padrões de

reconhecimento seria, no caso do Amor, a autoconfiança, no Direito, o auto-respeito e na Solidariedade, a autoestima. Quando quaisquer destes padrões de reconhecimento encontra-se violado, acarretando em formas de desrespeito, surgem consequências como: os maus tratos e a violação para o Amor; a privação de direitos e a exclusão para o Direito; e as degradações e ofensas para a Solidariedade (HONNETH, 2003). Na pesquisa de mestrado realizada investigou-se a projeção destas formas de reconhecimento na vida dos jovens atendidos pelo PROTEJO na cidade de Novo Hamburgo, e a presença ou não de desrespeito a estes padrões, considerando os períodos anteriores a seu ingresso no PROTEJO e o período de execução do mesmo. Este artigo, no entanto, se limita a apontar alguns dos resultados obtidos a partir da investigação da projeção destes vínculos e esferas de reconhecimento no seio familiar, que consequentemente refletem no comportamento dos jovens dentro e fora do PROTEJO.

No desenvolvimento da esfera do Amor, Honneth recorre ao trabalho de Winnicott, “um pediatra com postura psicanalítica que procura obter, no quadro do tratamento de distúrbios comportamentais psíquicos, esclarecimentos acerca das condições ‘suficientemente boas’ da socialização de crianças pequenas” (HONNETH, 2003, p. 164).

A grande questão que ocupou os estudos de Winnicott durante quase toda sua vida foi esclarecer como se constituiria o processo de interação através do qual mãe e filho podem se separar do estado de diferenciação “ser-um” aprendendo a se aceitar e amar, como pessoas independentes (HONNETH, 2003, p. 165). E na busca pela resposta a essa questão Winnicott explora todo um universo de desenvolvimento da criança até a fase adulta, explorando as relações de amizade e amor desenvolvidas pelo ser humano durante sua existência.

Honneth, por sua vez, apoiado na filosofia do direito hegeliana, e levando em conta os estudos de socialização de Winnicott, bem como as contribuições de Jessica Benjamin, acerca das deformações patológicas da relação amorosa, elabora um conceito de amor específico da teoria do reconhecimento. O autor explica que o Amor precede toda a forma de reconhecimento recíproco, e afirma que:

[...]visto que esta relação de reconhecimento prepara o caminho para uma espécie de auto relação em que os sujeitos alcançam mutuamente uma confiança elementar em si mesmos, ela precede, tanto lógica como geneticamente, toda outra forma de reconhecimento recíproco: aquela camada fundamental de uma segurança emotiva não apenas na experiência, mas também na manifestação das próprias carências e sentimentos, propiciada pela experiência intersubjetiva do amor, constitui o pressuposto psíquico do desenvolvimento de todas as outras atitudes de auto respeito (HONNETH, 2003, p. 177).

Portanto, a esfera de reconhecimento do Amor está diretamente relacionada ao desenvolvimento da autoconfiança dos sujeitos, e por isso uma atenção a essa esfera de reconhecimento é tão importante por parte dos programas sociais destinados a atenção dos jovens em situação de risco social ou em conflito não apenas com a lei, mas muitas vezes com o próprio rumo de suas vidas.

Assim, também são igualmente importantes as demais esferas de reconhecimento da teoria de Honneth, pois o autorrespeito no caso do direito e a autoestima no caso da solidariedade são fundamentais para o desenvolvimento do jovem e influenciam diretamente nos sentimentos de acolhimento e pertencimento ao grupo dentro dos programas de apoio.

Enquanto Honneth trabalha com as esferas de reconhecimento, Zimerman, psicanalista brasileiro com particular interesse por distintas áreas de conhecimento, dentre elas as ciências sociais, trabalha com a formação dos quatro vínculos na personalidade dos indivíduos. Segundo o autor, “a noção de ‘vínculo’ é de fundamental importância no desenvolvimento da personalidade da criança, sendo que essa afirmativa está baseada na inquestionável sentença de que ‘o ser humano constitui-se sempre a partir de um outro’ (ZIMERMAN, 2010, p.21).

Considerando vários enfoques teóricos, o autor fundamenta seu trabalho baseado na

teoria de Wilfred Bion, psicanalista britânico, que enfatiza uma tensão entre emoção e não emoção, com a formação dos vínculos do amor, do ódio, e do conhecimento. Sobre o porquê da escolha de Bion como principal enfoque teórico, Zimerman explica que:

Durante muitas décadas, todos os psicanalistas basearam os seus esquemas referenciais virtualmente em torno de dois vínculos, o do *Amor* (principalmente com base nos ensinamentos de Freud), e o do *Ódio* (fortemente apoiado nas concepções kleinianas), sendo que coube a Bion, sabidamente um analista com profundas raízes na escola de M. Klein e com um sólido embasamento freudiano, propor uma terceira natureza de vínculo: o do *Conhecimento*, o qual está diretamente ligado à aceitação, ou não, das verdades penosas, tanto as externas como também as internas, e que dizem respeito mais diretamente aos problemas da autoestima dos indivíduos (Zimerman, 2010, p. 29).

Aos vínculos do amor, do ódio, e do conhecimento, formatados por Bion, Zimerman acrescenta um quarto vínculo, o do reconhecimento, cuja principal acepção “alude à ânsia que todo o ser humano possui de ser reconhecido pelos demais, como sendo uma pessoa querida, aceita, desejada e admirada pelos seus pares e circunstantes” (ZIMERMAN, 2010, p. 31).

Considerando esses sentimentos sempre presentes na vida de todo e qualquer ser humano, escolheu-se utilizar na pesquisa realizada, como principal referencial as teorias do reconhecimento de Axel Honneth e a dos

quatro vínculos de David Zimmerman, para alicerçar a investigação e análise dos dados obtidos.

A investigação das formas de reconhecimento e formação dos vínculos presentes na vida desses jovens, que se ampliam dentro de programas como o PROTEJO, é fundamental para a boa execução de projetos que visam dar apoio aos mesmos, uma vez que promover a inserção social destes jovens não é tarefa fácil, e só é possível através de um trabalho que busque despertar neles um sentimento de pertencimento e bem estar dentro dos programas onde são atendidos. Para isso, essencial se torna também a investigação da projeção daquelas formas de reconhecimento e vínculos dentro das famílias dos jovens, uma vez que essa influencia decisivamente em seu comportamento externo.

Método de pesquisa

Os resultados apresentados neste artigo advêm de um estudo qualitativo realizado com jovens participantes do PROTEJO implantado no território de paz do bairro Santo Afonso, no município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

Para a realização da pesquisa de dissertação foram realizadas entrevistas semiestruturadas, tendo sido entrevistados 10 jovens, além de 02 técnicos e da coordenadora pedagógica do projeto. No entanto, como alguns dos adolescentes entrevistados eram menores de

idade, não foi possível utilizar todas as entrevistas, uma vez que os pais de 04 adolescentes não puderam e/ou quiseram assinar os termos de consentimento. Na elaboração deste artigo foram utilizadas apenas as entrevistas dos jovens, uma vez que a dos profissionais não versou sobre o contexto familiar dos usuários do projeto. Dos jovens entrevistados cuja análise das entrevistas pôde ser utilizada, 02 são do sexo masculino, e 04 são do sexo feminino, com idades de 15 a 24 anos. A fim de se preservar o anonimato dos jovens, os mesmos não foram identificados em seus relatos, utilizando-se assim de códigos para referir suas falas.

A intenção da pesquisa foi a de buscar a aproximação da realidade e das percepções pessoais dos jovens participantes do projeto investigado, e por isso, o método ideal teria sido a história de vida, pois conforme explica Becker, neste método, o sociólogo:

Dá sequência ao trabalho a partir de sua própria perspectiva, a qual enfatiza o valor da “história própria” da pessoa. Esta perspectiva difere daquela de alguns outros cientistas sociais por atribuir uma importância maior às interpretações que as pessoas fazem de sua própria experiência como explicação para o comportamento. Para entender porque alguém tem o comportamento que tem, é preciso compreender como lhe parecia tal comportamento, com o que pensava que tinha que confrontar, que alternativas via se abrirem para si [...] (BECKER, 1994, p. 103).

No entanto, em razão do exíguo tempo para a realização da pesquisa, este método não pôde ser empregado em sua totalidade, pois que para a realização satisfatória do mesmo seria necessário um maior tempo. Por isso, optou-se por utilizar a técnica de entrevistas não diretivas, que consistem em “uma forma de colher informações baseadas no discurso livre do entrevistado” (CHIZOTTI, 1998, p. 92). Conforme explica o autor, esta técnica:

[...] pressupõe que o informante é competente para exprimir-se com clareza sobre questões da sua experiência e comunicar representações e análises suas, prestar informações fidedignas, manifestar em seus atos, o significado que têm no contexto em que eles se realizam, revelando tanto a singularidade quanto a historicidade dos atos, concepções e ideias (CHIZOTTI, 1998, p. 92-93).

Para as entrevistas foi empregado um roteiro semiestruturado. No entanto, a forma de abordagem variou de acordo com as peculiaridades de cada caso e de cada entrevistado.

No decorrer da pesquisa, foi utilizado o método da análise de conteúdo, que segundo Chizzotti (1998, p. 98), consiste no “tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica a análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento”.

Apesar de a pesquisa com jovens em situação de risco social tender a ser uma tarefa complexa, uma vez que envolve diversos fatores advindos de um mundo no qual nem sempre se tem familiaridade, principalmente quando se está interessado nas percepções e sentimentos pessoais destes jovens, a pesquisa com os mesmos se apresenta como possível e gratificante, pois conforme explica Becker (1994, p. 155), os mesmos “podem cooperar de tal forma que a “verdadeira história”, que eles sentem que podem confiar em você para contar, possa chegar ao público através de seu relatório de pesquisa”.

Com a realização da pesquisa referida buscou-se a máxima aproximação da realidade dos jovens, procurando revelar além dos aspectos de vulnerabilidade que comumente são trazidos à baila nas investigações com esta população, aspectos subjetivos, em termos de vínculos e reconhecimento, que nem sempre são revelados nas pesquisas.

Análise da projeção de vínculos e esferas de reconhecimento no contexto familiar dos jovens participantes do PROTEJO

A investigação do contexto familiar dos jovens, que inclui sua estruturação e relacionamento se tornou importante para que se obtivesse uma real compreensão dos vínculos e esferas de reconhecimento estabelecidos dentro do Protejo. A seguir, apresenta-se parte

dos resultados obtidos a partir da investigação daquele contexto.

Os relatos dos jovens revelaram estruturas familiares distintas, o que corrobora com os estudos de Zimerman (2010, p.85) quando afirma que “da mesma forma como se passa com qualquer indivíduo, também o grupo familiar adquire uma determinada caracterologia típica, a qual varia bastante de um familiar para outro”.

No caso empírico investigado, todos os jovens entrevistados informaram que moravam com membros de suas famílias de origem, senão com os pais, com algum familiar, como seus irmãos, tios, etc. Uma jovem referiu morar no mesmo terreno de seus pais, porém devido a brigas familiares, decidiu se mudar para uma casa nos fundos do pátio. Além disso, fato bastante interessante é que todas as jovens que possuíam filhos moravam com os mesmos.

Quanto à estruturação familiar, dois dos jovens referiram não conviver com seus pais, e se relacionar com eles. Uma das jovens entrevistadas informou que de vez em quando o mesmo até ligava para ela, mas isso ocorria muito raramente, em razão dele ter outra família, e morar em outra cidade.

Outros quatro jovens referiram conviver e visitar os pais, porém, no que tange ao relacionamento com eles as respostas foram as mais variadas possíveis, e o mesmo se observou nas respostas dos jovens quanto ao

relacionamento com suas mães; no entanto, todos os entrevistados relataram que conviviam ou ao menos se relacionavam com estas.

A principal esfera de reconhecimento e vínculo observados nas relações familiares foi o “amor”, que aqui deve ser entendido em sua dimensão mais ampla, que nesta pesquisa empírica não envolve simplesmente relações íntimas sexuais, mas sim também relações familiares, de amizade, e outras, em distintas dimensões.

Segundo Honneth (2003, p. 159), para se falar em “amor” deve-se empregar um conceito neutro o máximo possível do termo, sendo que as relações amorosas devem ser compreendidas “como todas as relações primárias, na medida em que consistam em ligações emotivas fortes entre poucas pessoas, segundo o padrão de relações eróticas entre dois parceiros, de amizade e de relações pais/filhos”, coincidindo esta proposta com o emprego do conceito utilizado por Hegel, para o qual o amor representa a primeira esfera de reconhecimento recíproco, uma vez que nela os sujeitos confirmam mutuamente suas carências.

Segundo o entendimento de Zimerman (2010, p. 85-88), quanto ao perfil amoroso das famílias, estas podem ser classificadas em diversos tipos, tanto em nível formal, quanto em certo grau, com maior ou menor intensidade, de patologia. O autor classifica as famílias como:

Aglutinadas: onde predomina por parte dos pais uma atitude tendente a simbiose generalizada, reforçando a dependência dos indivíduos, de forma exagerada. Neste caso, o autor explica que os anseios de dependência podem se manifestar em planos: o afetivo, o econômico, o sexual, o social, e o de uma reafirmação de identidade, “principalmente quando o sujeito se constitui através de um ‘espelhamento’ de outros sujeitos significativos”;

Dispersadas: onde prevalece a falta de coesão entre os membros da família, de modo que impera a lei do “cada um por si e Deus por todos”.

Aquarteladas: famílias caracterizadas por um chefe rígido, autoritário, possivelmente tirânico, conduta que pode gerar nos demais uma alta submissão, ou o posto disso, certa forma de rebeldia;

Narcisistas: famílias que se veem como modelos exemplares, e não toleram outros valores além dos seus, desencadeando em casos mais extremos prepotência, arrogância, onipotência, etc. Porém, em razão da sua mínima tolerância às frustrações é possível que diante de um insucesso de seus membros, este entre em crise depressiva e a família em angústia;

Com algum tipo de psicopatologia: onde a família pode funcionar de forma *psicótica*, com condutas bizarras, transtornos de linguagem, da percepção, predomínio de pulsões de morte, transtornos de condutas, acidentes, etc. ou em forma de *psicopatia*, onde os padrões vigentes (tanto sexuais, morais, sociais, éticos e estéticos, etc.) são transgredidos;

E ainda, famílias estruturadas em bases *fóbicas* (que evitam aquilo que lhes foi significado ou representado como sendo perigoso); ou *obsessivas* (traços típicos de uma neurose obsessivo-compulsiva); ou *adictas* (que podem envolver

tabagismo, a alimentação, o consumismo, uso de drogas, etc.); *somatizadoras* (no caso em que uma hipocondria, por exemplo, pode acometer todos os membros da família); Ou ainda podem ocorrer famílias que se caracterizam por uma estruturação *paranoide* (cujos membros são desconfiados, querelantes, etc.); ou *depressivas* (às vezes fazem eterno “culto” a algum morto, outras vezes “se proíbem de serem felizes”, etc.); *ansiosas* (membros propensos a crises de angústia diante de algum “sinal de alarme”); ou famílias portadoras de um *falso self* (onde mais vale a aparência do que a essência), etc.

Nos relatos dos jovens sobre suas famílias foram analisadas características dos diferentes tipos de famílias citadas. Para chegar-se a uma análise concreta sobre o tipo de família de cada jovem, seria necessário um estudo com o foco específico em suas famílias, o que não era o alvo desta pesquisa, mas sim apontamentos quanto à estruturação familiar dos jovens, de modo que fosse possível demonstrar o reflexo desta estruturação em seu relacionamento, dentro e fora do PROTEJO.

A partir de suas respostas, foi possível evidenciar que as famílias de muitos jovens possuíam características de alguns dos tipos de família citados, sendo que, em muitos casos, observa-se traços comuns de mais de um tipo em cada família. Conforme refere Zimerman (2010, p.88) ao explicar acerca dos *tipos misto* de família, em grande parte das vezes, os tipos descritos nem sempre são rigidamente estanques, sendo que o mais frequente é que coexistam numa mesma família os distintos

traços característicos de todas aquelas, com uma predominância maior, de uma ou de outra. Reflexão esta corroborada pelos relatos dos jovens em suas entrevistas.

Alguns dos entrevistados referem que possuem um melhor entendimento com suas mães, outros com seus pais, devido a diversos e variados fatores. Um dos jovens relata que seu relacionamento com a mãe é melhor do que com pai, por ela ser mais acessível, e seu pai mais “fechado”.

O meu pai ele não gosta que fale de namoro e “coisa”, enquanto que a minha mãe daí já é mais aberta, ela já deixa namorar e “coisa”. Daí o meu pai, assim, se nós tirar nota baixa e “coisa”, meu pai reclama, e a minha mãe não, ela só ensina a gente. O meu pai já não, ele só briga com a gente, a minha mãe não, por exemplo, se vier nota baixa de matemática, ela ensina matemática, e se foi em português ela já ensina português. O meu pai não sei, ele é muito “fechado” “pra” nós, se ele tiver algum problema ele fica pra ele, ele não fala “pra” nós, e daí nós temos que falar pra ele. (J5)

Esse relato é comum em famílias do tipo *aquarteladas*, onde o comando se dá por um chefe, que pode ser o pai ou a mãe, rígido, autoritário, por vezes tirânico, que não escuta os subordinados, e onde o ‘diálogo’ fica na base de cobranças, perguntas e respostas. (ZIMERMAN, 2010, p. 86).

Ao mesmo tempo, também é comum em famílias com estruturação em bases *fóbicas*, que “evitam tudo aquilo que lhes foi significado, e representado, como sendo perigoso”

(ZIMERMAN, 2010, p. 87). Ou seja, o pai pode se negar a discutir alguns assuntos com os filhos, por medo de que eventual assunto fuja ao seu domínio, ou se traduza em algum perigo para os filhos e para a família.

Mas entre outros tipos de família, este pode traduzir o relato de uma família *normal*, dentro daqueles critérios atualmente vigentes, pois os conflitos fazem parte da estruturação familiar; porém, o que vai definir se os desentendimentos fogem dos padrões normais é o tamanho e a intensidade dos conflitos, o que no relato do jovem não há elementos suficientes para mensurar. Afinal, conforme refere Zimerman:

É evidente que entre o casal, ou dos pais com um ou mais filhos, ou entre os irmãos, nem tudo corre sempre às mil maravilhas; o comum é que sempre existam alguns atritos maiores ou menores, em que a causa desencadeante mais corriqueira se deve a um transtorno na forma de comunicação entre as pessoas, com o resultado de “mal-entendidos” e, daí segue um cortejo de acusações, contra-ataques, ameaças, desaforos, etc. Porém, se não for demasiado o tamanho dos atritos, nem predominante no dia a dia e, sobretudo, se o sentimento de amor é o que predomina, esta família continua sendo enquadrada como sendo normal (ZIMERMAN, 2010, p. 88).

Percebe-se, assim, a importância tanto dos vínculos, como da esfera do amor nas famílias. Quanto à segunda, os sentimentos e necessidades se traduzem como princípios de reconhecimento, necessários ao

desenvolvimento das crianças e adolescentes. Uma família que supre as necessidades de suas crianças garante a estas em maior medida o desenvolvimento de sua autoconfiança.

Seguindo a análise dos relatos dos jovens sobre suas famílias, uma das jovens relata que hoje convive apenas com sua mãe, pois seu pai mora em outra cidade e possui outra família, porém seu relacionamento com a mãe é complicado, uma vez que segundo a jovem, aquela não tem muita paciência com ela e com seu filho.

[...] ela chega cansada, né?! Chega cinco “hora” da tarde. Aí ela começa a brigar comigo para mim cuidar do guri, né. Mas não tem como eu cuidar ou não cuidar dele pra ela descansar, só que como ele sente falta dela, ele quer abraçar ela, beijar ela, daí ela não consegue descansar por causa dele. Daí ela começa a brigar comigo, discutir comigo (J6).

De acordo com o relato da jovem sobre sua mãe, percebe-se uma queixa daquela quanto à indiferença desta. A jovem tanto em sua fala, quanto em sua postura durante as entrevistas demonstrou certo desânimo e carência afetiva. Este pode ser o caso de família *dispersada*, onde prevalece a falta de coesão entre os membros, imperando nas palavras de Zimerman (2010, p. 86) “a lei do cada um por si e Deus por todos”, o autor explica que nestes casos o mecanismo predominante “é o uso excessivo de dissociações, seguidas de identificações projetivas de uns nos outros, com queixas recíprocas e formação de subgrupos, ou, pior,

com um afastamento, matizado por uma indiferença de um pelo outro”.

O relato da jovem se traduz em sentimentos e necessidades que são princípios de reconhecimento, e que se refletem diretamente na autoconfiança dos sujeitos (HONNETH, 2003), e também a necessidade da jovem de ser reconhecida pela mãe.

Uma das jovens refere que já morou 3 meses fora de casa devido a brigas com seu pai:

Já morou fora de casa?

Já.

Por qual motivo?

Eu tinha brigado com meu pai.

Por que vocês brigaram?

Porque ele quer me mandar.

Queria te mandar? Sobre o que?

Não, é que depende assim oh. Eu gosto de pegar... (gaguejou)... eu faço alguma coisa, daí eu me esqueço e saio pra rua. Ele fica brabo. Eu e meu pai a gente não se dá muito bem mesmo. [...] A minha mãe é mais com as “guria” e meu pai com os “guri”. Daí a gente briga bastante com ele. Por bobagem. Depois a gente se entende.

E dessa vez o que aconteceu, quando tu saiu de casa?

Ele começou a brigar. Eu voltei por causa da minha mãe. Minha mãe “tava” doente. Minha mãe ficou doente, né. Daí eu voltei por causa dela.

Mas você saiu porque teve alguma briga entre vocês?

Porque eu quis. “Não”, a gente brigou feio. Daí pra não... (pausa). Eu “tava” cansada de...(pausa). Porque eu não aceito meu pai. Não tenho medo dele. Meu pai é um baita dum “negão”, né. Meus “irmão” tudo tem medo dele. Eu não tenho medo dele. Por causa da minha mãe. Ela tem depressão, né, então qualquer coisinha ela “tá” nervosa, né. Daí pra ele não brigar, que ele brigou muito feio mesmo, daí sai assim...Ele me bate, eu bato nele, a gente vai tocando né... Daí eu fui embora. Deixei lá.

E porque vocês brigaram dessa vez? Tu lembra?

Não sei o que ele mandou fazer que eu não quis fazer. É por bobagem, a gente briga. Por coisa nada a ver. (J3)

Em famílias *aglutinadas*, onde há a predominância por parte dos pais de uma simbiose generalizada, são comuns estes relatos. Nestes casos Zimerman (2010, p. 85-86) aponta que pode ocorrer uma “crise familiar”, pois “quando algum dos filhos destoa da aglutinação que tem uma aparência de união e, por meio de “transgressões”, busca a sua emancipação, acontece que a aludida crise eclode sob forma de acessos agudos, disseminando um caos generalizado”. Pode este ter sido o caso da família da jovem, como pode também ser o caso de uma família *aquartelada*, já mencionada anteriormente, onde a conduta do chefe da família pode gerar nos seus demais membros uma alta submissão, ou o oposto

disso, desencadeando em rebeldia (ZIMERMAN, 2010, p. 86).

Quanto ao fato de terem ou não morado fora de casa, esta também é uma questão que chama bastante atenção, pois dos 6 jovens entrevistados, apenas um relatou que nunca morou fora de casa. Os demais relataram que moravam apenas com um dos pais, alternando para o outro, que moraram com tios, avós, vizinhos, em razão principalmente de brigas na família, com os pais, com padrastos e madrastas, e mesmo com os irmãos. Tal fenômeno incide no termo que Fonseca (1993, p. 115) classifica como “circulação de crianças”, em que um grande número destas passa alguma parte de sua infância em casas que não são a de seus genitores.

Uma das jovens relatou ainda que saiu de casa com 14 anos, para casar, outra relatou que teve que sair quando estava grávida, pois o padrasto não a aceitava. Esta última jovem relatou inclusive, que seu padrasto já a agrediu, e que uma vez o mesmo chegou a atear fogo em sua casa.

[...] meu padrasto botou fogo na casa, aí eu tive que sair de lá.

[...]

Por que ele colocou fogo na casa?

Não sei, ele sempre foi assim louco.

Que idade tu tinha quando tua mãe o conheceu?

Acho que uns 09, uns 10 anos por aí eu tinha.

E ela ficou com ele por quanto tempo?

Ela ficou 05 anos com ele.

Até você engravidar?

É. Daí eu fugi.

Fugiu de casa e foi morar com a tua vizinha?

Fugi pra ficar com o pai dele. Porque ele não deixava eu namorar, né. Daí eu fugi.

Por que ele não deixava você namorar?

Não sei, não deixava. E minha mãe, por ela, ela deixa. Deixou, mas ele não deixava. Daí eu peguei e fugi.

E por que ele botou fogo na casa?

Não sei. Só por causa de que era a casa dele eu acho. Daí ele, ele fica louco, ele bebe e fica maluco. Daí ele ...

Ele agredia tua mãe?

Olha. Uma vez ele chegou a pegar os cabelos da minha mãe já acho. Uma vez isso.

Fora isso ele só discutia? Quando ele botou fogo na casa, ele já fez outras coisas assim?

Ele, ele ... (gaguejou) ... Quando eu tinha fugido, eu tinha fugido de casa, ele.... Eu tinha ido embora lá “pro” pai dele e ameaçou fazer isso aí de novo. Ele fez isso aí de novo, né. Botou fogo no sofá e coisa e coberta e minha mãe apagando ia botando e apagando. Foi assim a mesma coisa quando a casa queimou. Tinha muita tábua velha assim, muito colchão e forro assim sabe, tinha bastante, daí pegou fogo ligeiro. Em 02 minutos queimou tudo.

Pra você voltar pra casa? Ele queria que você voltasse?

Não. Por... por louco. Ele botou fogo na casa dele e foi se entregar na polícia daí.

Daí tua mãe se separou dele?

Separou dele. Daí ele vendeu o terreno né, um bem grandão lá, casa que ele tinha feito, sonhou fazer a casa. Daí ele vendeu a casa e deu um pouco do dinheiro pra minha mãe, por causa de que ele queimou tudo “as coisa” da minha mãe e as minhas coisas. Daí teve que dar dinheiro pra minha mãe comprar as coisas, tudo de novo (J6).

Este pode ser um caso mais grave, com algum tipo de psicopatologia na família, desencadeando em violência, pulsões por morte, acidentes, sucessões de crises, transtornos de conduta, etc., também agravados por problemas de alcoolismo, pois a jovem revela que ao beber seu padrasto ficava ainda mais agressivo vindo a agredir e a ameaçar a ela, sua mãe e seus irmãos. Neste caso também pode-se vislumbrar um desdobramento do vínculo do ódio, a *violência*. Afinal, conforme demonstra Zimmerman:

[...] o sentimento de ódio se manifesta de múltiplas e diferentes formas, relativas às suas origens, seus propósitos e tipos de manifestações, desde as mais brandas e, algumas, até construtivas, até outras formas que atingem um extremo de crueldade e destruição.[...] Dentre essas distintas modalidades de ódio, uma delas é a *violência*, que, por sua vez, também engloba uma larga variedade de apresentações, tanto as urbanas, as familiares, as sociais, as econômicas, as políticas, as religiosas, as

disputadas pelo poder, as guerras e revoluções, entre tantas outras mais (ZIMERMAN, 2010, p. 127).

Ressalta-se novamente que esta pesquisa em si, não teve como objetivo a classificação das famílias, afinal, como foi dito, com base apenas nas entrevistas realizadas seria impossível realizar uma classificação exata destas, e, além disso, como já referido anteriormente, muitas famílias possuem características comuns a mais de um tipo de classificação. O importante para esta pesquisa foi avaliar os reflexos destas estruturas familiares, incluindo seus conflitos, na maneira de agir dos jovens, na formação de seus vínculos, e padrões de reconhecimento dentro e fora do PROTEJO, pois as relações primárias dos jovens se refletem diretamente em seu comportamento e modo de agir, influenciando em sua dimensão coletiva.

O “amor”, tanto nas famílias quanto fora dela, é consideravelmente importante ao ser analisado como esfera de reconhecimento, pois conforme observa Honneth:

Com a guinada da psicanálise em direção ao curso interativo da primeira infância, a ligação afetiva com outras pessoas passa a ser investigada como um processo cujo êxito depende da preservação recíproca de uma tensão entre o autoabandono simbiótico e a autoafirmação individual; daí a tradição de pesquisa da teoria das relações de objeto ser apropriada, em especial medida, para tornar compreensível o amor como uma relação interativa à qual subjaz um padrão particular de reconhecimento recíproco (HONNETH, 2003, p. 160).

Ou seja, o relacionamento bem sucedido ou não, dos jovens desde a infância com suas famílias, reflete em sua relação com os demais membros da sociedade. E por isso, a esfera do amor é importante para a compreensão do reconhecimento dos sujeitos porque este, conforme Honneth (2003, p.160), “designa aqui o duplo processo de uma liberação e ligação emotiva simultâneas da outra pessoa; [...] uma afirmação da autonomia, acompanhada ou mesmo apoiada pela dedicação, é ao que se visa quando se fala do reconhecimento como um elemento construtivo do amor”.

No relato dos jovens, observou-se em algumas falas, certos conflitos nas famílias, mas isso não quer dizer que estes sejam necessariamente ruins, afinal conforme demonstra Zimerman (2010, p. 88) em seus estudos, mesmo nas famílias *normalmente integradas*, ocorrem conflitos, a diferença é que nestas há uma melhor aceitação dos direitos e deveres de cada um, e também um “reconhecimento” dos limites, diferenças, etc. de cada membro.

[...] nestas famílias, “normais” dentro dos critérios atualmente vigentes, predomina uma aceitação e preservação dos direitos e deveres de cada um, dentro de uma necessária hierarquia familiar; existe o “reconhecimento” dos limites, das diferenças, dos alcances e das limitações que particularizam individualmente os distintos membros da família. As crises também se formam, porém adquirem uma função estruturante; as vivências, as boas e as más, são compartilhadas com uma capacidade para suportar

diversos tipos de perdas, especialmente de pessoas queridas, e de absorver a entrada de outras pessoas no seio familiar (ZIMERMAN, 2010, p. 88).

Sabe-se que a adolescência e a juventude são fases complicadas no desenvolvimento do ser humano, pois é quando ele descobre um universo de opções quanto a seus caminhos possíveis para o futuro, e, ao mesmo tempo, se vê na difícil tarefa de escolher entre todas estas possibilidades. Por isso, a base familiar se torna tão importante para este indivíduo que está a descobrir o mundo, afinal, “o bom relacionamento dos pais com seus filhos pode ser considerado fator de proteção para o cumprimento das tarefas de desenvolvimento dos adolescentes” (SAPIENZA e PEDROMÔNICO, 2005, p.212). Conforme refere Zimerman:

Além desses cuidados maternos que visam a satisfação das necessidades *orgânicas* vitais, a noção de vínculo também abrange a tarefa de promover a satisfação das necessidades *afetivas* da criança por parte da mãe, sobretudo no que tange a que ela lhe dispense um calor humano, com um autêntico e espontâneo amor, carinho, proteção, compreensão da linguagem corporal do bebê (através do seu tipo de choro, olhar, eventuais espertinhos, cólicas, vômitos ou diarreia, etc.). À medida que a pequena criança vai se desenvolvendo, os cuidados da mãe vão se modificando, conforme as novas necessidades e desejos do seu filho, porém, o que sempre deve permanecer em um sadio vínculo mãe-bebê é a presença constante na mãe de uma boa capacidade de “continente” (isto é, a capacidade de “conter” as eventuais angústias do bebê que ele projeta nela),

junto com uma capacidade de “empatia” (ou seja, a capacidade de a mãe de se colocar no lugar de um eventual sofrimento por parte de seus filhos menores.) Um outro aspecto da importância vincular consiste no fato, cada vez mais habitual, de que o pai tem uma participação muito ativa na formação dos vínculos que englobam a um só tempo a união bebê-mãe-pai, com as mútuas inter-relações entre o tri, especialmente a do tipo de comunicação que se forma entre os três principais personagens. [...]

À medida que a criança vai crescendo, os tipos de vínculos vão se expandindo e se modificando, já então com a criança – futuro adulto – convivendo com muitos grupos, alguns de formação espontânea, ou nas primeiras escolas e, mais a diante na evolução, com amigos e jogos, esportes, ou namoros, grupos de estudos nas faculdades, no trabalho com equipes, na construção de uma nova família, etc. (ZIMERMAN, 2010, p. 22).

Ou seja, o que apreende em casa se reveste como um possível modelo de comportamento para suas relações externas, com os diversos grupos de pessoas que ele se relacionará fora de casa, uma vez que a formação vincular do sujeito se realiza a partir de diversas etapas de desenvolvimento presentes em sua vida. Podemos dizer que não existe um padrão único e ideal de família a ser seguido, o que deve existir é a busca por meios de acalantar a angustia inerente a condição humana, acentuada na fase juvenil, por esta envolver a condição peculiar de ser humano em intenso processo de desenvolvimento.

Considerações finais

O Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável – PROTEJO compõe as ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PROTEJO. Os jovens atendidos prioritariamente pelo PROTEJO são jovens considerados em situação de risco social. Para a manutenção destes dentro de projetos como o PROTEJO é fundamental que a sua formulação abranja a atenção aos aspectos objetivos de vulnerabilidade social dos jovens, tais como violência, uso e tráfico de drogas, etc. Porém, além dos aspectos mencionados, se torna importante também uma atenção aos fatores subjetivos que envolvem a permanência dos jovens nestes projetos.

Para a compreensão dos aspectos que nomeamos neste trabalho de “subjetivos” é necessária a abordagem da história de vida dos jovens, o que inclui a investigação de seu contexto familiar e dos impactos que este causa em seu comportamento.

O presente artigo pretendeu demonstrar através da narrativa dos jovens a projeção e o desdobramento de vínculos e esferas de reconhecimento dentro do ambiente familiar dos jovens.

Com a referida análise verificou-se a presença das diversas esferas e vínculos no seio familiar dos entrevistados, constando-se que estas por sua vez possuem impacto direto sobre o comportamento externo dos jovens e a

maneira como estes encaram o mundo, suas perdas e desafios.

Muitos dos jovens relataram em suas entrevistas aspectos que nos remetem aos diferentes tipos de família, aglutinadas, dispersadas, aquarteladas, etc. Observou-se em diversas falas diversos tipos de conflitos, o que no entanto, não nos faz constatar que estes sejam todos negativos, uma vez que o que faz ou não a família ser integrada não é a ausência completa de conflitos, mas sim a forma como os membros do grupo familiar lida com estes, e o reconhecimento dos direitos e deveres de cada um.

Em conclusão, obteve-se a verificação de que as famílias dos jovens atendidos pelo Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável, o PROTEJO implantado no território de paz do bairro Santo Afonso, e seus conflitos, não difere da realidade da maioria das famílias brasileiras, sendo que a constatação fundamental é de que o modo de relacionar-se no grupo familiar a sedimentação e o amparo para sua integração no meio social.

Referencias

ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Miriam Abramovay et alii. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABREU, Waldir de. *A corrupção penal infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

BRASIL. Ministério da Justiça. Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania. *Manual de Convênios*. Brasília, 2008.

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 2. ed. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1994.

BORDIN, Isabel A.S.; OFFORD, David R. Transtorno de conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Vol. 22 s.2 São Paulo. Dec. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600004 . Acesso em: 20 ago. 2008

CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelsen. Alguns aspectos do menor de rua e seu contexto. In: GAUER, Gabriel José Chittó; GAUER, Ruth Maria Chittó (ORG.). *A fenomenologia da violência*. Curitiba: Juruá, 1999. pp. 65-91.

_____. *Identidade, indivíduo e grupos sociais*. Curitiba: Juruá, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.

FONSECA, Claudia. Criança, família e desigualdade social no Brasil. In: RIZZINI, Irene. *A criança no Brasil hoje: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula, 1993. pp. 113-132.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SAPIENZA, Graziela; PEDRÔMINICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Revista*

Psicologia em estudo. Maringá, v. 10, n. 2, pp. 209-216. 2005.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortabilidade. In: *Violência faz mal à saúde*. Cláudia Araújo de Lima (Coord.) et al. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. pp. 23 a 28.

TRINDADE, Jorge; SILVA, Milena Leite. Crianças e adolescentes vítimas de violência: envolvimento legal e fatores psicológicos estressores. In: *Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul* – N° 54, outubro/2004 a abril/2005. Porto Alegre: Livraria do Advogado. pp. 243 a 264

ZIMERMAN, David. *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

*

Abstract: This article provides an approach on the familiar context of the users of the Project for the Protection of Vulnerable Youth in the Territory - protect integral action of the National Public Security and Citizenship. As a theoretical framework we used the theory of the four ties developed by David Zimerman and the theory of recognition developed by Axel Honneth. The methodology employed was conducting interviews through a semi-structured. In conclusion it was found that the family context of young people thought to be at risk for social attended protect not differ greatly on the context of most Brazilian families, and the projection of bonds and spheres of recognition within the family is revealed as of fundamental importance for the

foreign relations of the young. **Keywords:**
family, youth, ties, recognition

